

## ENTREVISTA COM A PROFESSORA ELIETE SANTIAGO: UM ENCONTRO COM A VIDA E A OBRA DE PAULO FREIRE

MARIA ELIETE SANTIAGO

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil

MARGARETE SAMPAIO

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil

BRUNA SOLA DA SILVA RAMOS

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil

ALEXANDRE SAUL

Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), Santos, São Paulo, Brasil

Maria Eliete Santiago é a primeira filha da relação constituída por Dona Maria da Glória Santiago e pelo Senhor Edson Felinto Santiago. Há 54 anos, a educadora vem contribuindo com a leitura crítica de crianças, jovens e adultos da rede pública de Pernambuco, na escola básica e no ensino superior. Professora Titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde atua desde 1995, é vinculada ao Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional do Centro de Educação e coordenadora da Cátedra Paulo Freire da UFPE.

Pesquisadora da Linha de Pesquisa em Formação de Professores e Prática Pedagógica do Programa de Pós Graduação em Educação da UFPE contribui com processos de produção do conhecimento de mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos e parceiros da Rede Freireana de Pesquisadores com rigorosidade metódica, disciplina intelectual e amorosidade, de forma indissociável. A defesa da educação problematizadora, dialógica e emancipadora vem encaminhando a professora recifense a lançar luz sobre processos de reinvenção do legado de Paulo Freire, nos campos da formação de professores, currículo, prática pedagógica, profissionalização docente e questões étnico-raciais.

Assumindo ações marcadas pela conectividade, Eliete Santiago vem agregando coletivos de educadores, trabalhadores da educação, artistas populares, sindicalistas e instituições em torno da preservação da memória e do anúncio da atualidade do pensamento freireano. Atuou em contextos de gestão, a exemplo do exercício da função de Secretária de Educação da cidade do Cabo de Santo Agostinho-PE, como membro integrante da gestão de João Francisco de Souza, na Secretaria de Educação de Olinda-PE, na direção do Centro de Educação, em parceria com José Batista Neto, seja na criação do Centro Paulo Freire - estudos e pesquisas e da Cátedra Paulo Freire da UFPE.

O reconhecimento da dialógica e humanizadora profissionalidade docente da Professora Eliete Santiago é feito por Paulo Freire nas obras *A Educação na Cidade e Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, por se tratar de uma educadora para quem “ensinar é uma aventura criadora” (FREIRE, 1996). Para tanto, a educadora pernambucana se revela em permanente condição formativa e formadora, assumindo sua inacabada, inconclusa e incompleta condição humana, tendo cursado

Graduação em Pedagogia (UFPE), Mestrado em Educação: Supervisão e Currículo (PUC/SP) e Doutorado em Ciências da Educação - Université René Descartes Paris V, França.

Em 2015, o reconhecimento social da engajada atuação da Educadora ganhou vida na outorga do Mérito Educacional Professor Paulo Freire, concedida pelo Conselho Estadual de Educação de Pernambuco. Na solenidade de condecoração, em seu discurso de agradecimento, dedicou o prêmio a Paulo Freire, seu professor, orientador e amigo, em quem se inspira para assumir um trabalho pessoal e coletivo voltado para o “fortalecimento de forças sociais comprometidas com a consolidação de conquistas democráticas, de direitos sociais e humanos e com a condição de **ser mais**” (Eliete Santiago).

Nesta edição celebrativa dos 100 anos de Paulo Freire, a voz da professora Eliete Santiago traz contornos materiais à presença vibrante do Educador e de seu legado humanizador e esperançoso. Na entrevista acadêmica concedida especialmente para este dossiê, memória e atualidade se entrecruzam para dizer de seu “grande encontro” com Paulo Freire. Encontro que nasce do chão da PUC-SP e deságua na constituição da Cátedra Paulo Freire da UFPE.

A conectividade de Paulo Freire com a vida e com os sujeitos à sua volta é reverenciada pela Professora Eliete, que enaltece a presença de Elza Freire na trajetória do Educador, considerando-a “tão tecelã da liberdade quanto ele”. São, ainda, destacadas a *geografia da saudade do Recife*, de onde, segundo a Professora, Paulo Freire “nunca se apartou” e a sua presença no Serviço de Extensão Cultural da antiga Universidade do Recife, atual UFPE, percebido como “*contexto-tempo síntese* do pensar-fazer freireano”.

Com sua larga experiência e profunda visão acadêmica, a professora Eliete Santiago desvela traços do pensamento freireano que nos colocam diante de seu ideário de justiça e emancipação social, propondo “leituras pelo avesso”, a partir das quais desenha um caminho possível em direção ao *inédito viável*. Nesta entrevista, com sua voz sempre amorosa e rigorosamente comprometida com a transformação, Eliete Santiago não apenas brinda a plenitude da vida e da obra de Paulo Freire como mobiliza, em cada um/a de nós, o desejo de celebrá-las com nosso próprio testemunho.

ENTREVISTADORES: Professora Eliete, como ocorreu o seu encontro com Paulo Freire no espaço, tempo e no campo das ideias?

Eliete Santiago: O meu encontro com Paulo Freire é muito interessante, porque ele vem de muito atrás, vem do tempo em que eu era professora na Universidade Católica de Pernambuco, estudando e ensinando Paulo Freire junto com as/os estudantes das licenciaturas. É interessante destacar que estudei na mesma instituição que o Professor Paulo Freire trabalhou. Fui aluna da Faculdade de Educação, antes Faculdade de Filosofia, hoje, Centro de Educação, UFPE. Fui aluna entre o período de 1968 a 1971, período de fechamento político, da ditadura militar e da vigência o AI-5; aluna de contemporâneos de Paulo Freire, entre eles, o Professor Paulo Rosas.

O Professor Paulo Rosas e o Professor Paulo Freire eram muito amigos, tinham uma convivência familiar, as duas famílias, Rosas e Freire, gozavam de uma estreita relação, mas eu nunca ouvi falar o nome de Paulo Freire por Paulo Rosas enquanto com ele estudei, porque Paulo Freire era silenciado, interditado. Imaginem, fui encontrar Paulo Rosas, amigo, depois que Paulo Freire mudou para o plano espiritual. Então, esse encontro com Paulo Freire não ocorreu logo, apesar de estar na mesma cidade, na mesma instituição, junto com as mesmas pessoas que eram muito caras a ele. Eu fui encontrar Paulo Freire depois do exílio.

O encontro com as ideias de Paulo Freire vai ocorrer com a *Pedagogia do Oprimido*, tomando este livro como referência de meu estudo e de trabalho com estudantes das Licenciaturas. Nessa ocasião, a Professora Ivoneide Porto era chefe do Departamento da Educação, uma mulher de ideias progressistas, tinha vivido o período da ditadura, sofrido suas consequências, sabia o que significava o fechamento político, um período ditatorial. Portanto, Ivoneide Porto foi uma pessoa que muito favoreceu a minha formação crítica. Foi por suas mãos que eu cheguei às ideias de Paulo Freire, ao livro *Pedagogia do Oprimido*, pela aproximação com o livreiro Tonho, e que passo a estudar com as/os estudantes das Licenciaturas. Construimos um processo de leitura conjunta, achávamos difícil, tínhamos dificuldades, mas assim caminhamos no aprendizado.

O encontro físico com Paulo Freire aconteceu nos anos de 1980, precisamente, em 1982, já na PUC-SP, no seu retorno. Falo no encontro efetivo, já na PUC, como professor no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, quando eu lá iniciava o mestrado, então a PUC e o Programa de Pós-Graduação possibilitaram esse encontro. Esse grande encontro. A partir de 1982, começamos a nossa caminhada, eu de estudante e ele de meu professor, em seguida, meu orientador. A caminhada foi até sua permanência nesse planeta terra. O encontro e as possibilidades na PUC-SP e na livraria Cortez ao lado me levaram, cada vez mais, às leituras de Paulo Freire – leituras dos textos e dos contextos de aulas, de palestras, de seminários, de vivências.

Quando chego na PUC-SP, tinha visto Paulo Freire, rapidamente, quando de passagem pelo Recife. Sou grata à PUC por isso, e a um professor, decano na Universidade Católica, Pe. Paulo Menezes, que bem conheceu Paulo Freire. Ele sugeriu que eu fosse para a PUC porque iria estudar com Paulo Freire. Na época queria estudar currículo, por isso me apresentei a três instituições: PUC-SP, UNB e Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Fui selecionada, inicialmente, nas três, mas a orientação de Pe. Paulo Menezes me levou a prosseguir na seleção na PUC, onde obtive classificação.

Assim, foi a partir de março de 1982 que com ideias e pessoa física, como unidade e coerência, passei a conviver. As ideias vieram antes e permaneceram/permanecem, têm uma presença muito grande em mim. Paulo Freire é uma grande referência de trabalho, uma referência de vida, um testemunho de vida para mim, como pessoa, cidadã, professora, orientadora. Então, o meu encontro com Paulo Freire se deu a partir da *Pedagogia do Oprimido* e do chão da PUC-SP.

ENTREVISTADORES: Dando continuidade, pensando ainda na dimensão do encontro, vamos falar de Elza Freire. Qual o lugar da alfabetizadora e companheira Elza Freire na vida pessoal e profissional de Paulo Freire?

Eliete Santiago: Vou me ater à perspectiva profissional, claro que vai passar por elementos da vida pessoal, porque a gente não tem como separar as duas coisas, mas o foco é a presença de Elza numa perspectiva profissional. A primeira coisa que considero importante é falar sobre o encontro de Elza e Paulo. Dona Elza. Era assim que eu a chamava, porque tive a chance de conhecê-la; a vida me oportunizou conhecê-la, ao mesmo tempo em que eu conheci o Professor Paulo Freire. Ao tempo em que comecei a me aproximar dele, eu também comecei a conhecê-la.

O Professor Paulo Freire me abriu os braços, o coração e a sua casa quando me aceitou como orientanda; a sua casa foi o meu contexto de orientação. Portanto, tive a chance de frequentar a casa deles, desde o início do mestrado. Ao chegar na PUC e começar aulas com o Professor Paulo Freire, de imediato, vi/senti que ele seria o meu orientador. Não deixei passar muito tempo, fiz o convite, com ele andando, ao lado da PUC, a caminho da Rua Homem de Melo, onde ele morava antes. Todo final de aula, eu caminhava com ele até a Homem de Melo, ia aproveitando o caminho, as conversas, o tempo. E numa dessas conversas o convite foi feito, aceito e, em seguida, formalizado.

Selamos ali e a partir dali uma convivência de trabalho, sessões de orientação na casa deles. Se fosse pela manhã, eu ficava para almoçar; se fosse à tarde, eu chegava cedo para almoçar. O almoço era o momento em que estávamos juntos. Essa foi a oportunidade que eu tive de conhecer Dona Elza, de ser recebida afetivamente por ela. Nordeste tem muito isso: gostar de receber; e em Dona Elza essa afetividade era abundante. Nunca consegui chamar nem Paulo e nem Elza. Para mim, ele sempre foi Professor Paulo e depois que morreu, passei a chamá-lo Paulo Freire. Para mim, ela sempre foi Dona Elza, não consigo chamá-la de Elza.

Retomando a pergunta, o encontro dos dois foi um encontro circunstancial, isso eu acho fantástico, porque a jovem Elza já era professora primária, já era formada; precisou de um aprofundamento na área da Linguagem, que era o campo de sua especialização e de paixão de Paulo Freire. Naquela época, Paulo Freire dava aulas particulares de Português, foi um dos seus primeiros trabalhos remunerados, foi um dos trabalhos com que ele começou a “ganhar a vida”, ajudar a família, a fazer o seu acervo.

A professora Elza recebeu a indicação de Paulo Freire para ajudá-la. Feito o convite e aceito, passou a professora a ter as aulas em sua casa. O encontro foi na condição de professor e aluna. Foi um encontro muito proveitoso, dele resultou a constituição da família e durou mais de 4 décadas, quando, separados por força da mudança de planos de vida, Dona Elza seguiu para o plano espiritual.

No que se refere à formação, a professora Elza estudou na Escola Normal de Pernambuco, uma escola de excelente qualidade, de tradição, com destacado quadro docente, ou seja, uma escola modelo de formação de professoras. Lá, portanto, ela fez uma sólida formação, uma formação que aliou teoria e prática. Teve oportunidade de realizar estágio na escola de aplicação, sob a orientação e acompanhamento de uma professora que se destacava e que muito a influenciou. A Escola Normal era reconhecida, também, pela sua reforma nos anos 20, do século passado. Então, a professora Elza teve a oportunidade de ter uma formação sólida, além de ter passado por uma experiência formativa no Instituto Pedagógico, em Pernambuco, onde foi aluna e também se tornou

professora em função do seu desempenho. A sua formação e dedicação se voltaram para o Jardim da Infância, sua grande paixão, e a alfabetização de crianças.

Então, essa foi a área de especialização da professora Elza Freire. O trabalho dela ocorreu com crianças, mas para que ela não perdesse de vista os conteúdos, o currículo proposto para o ensino primário dos meninos maiores, ela dava aulas particulares de Exame de Admissão. Antigamente, tinha admissão ao ginásio. O trabalho dela se fez em escola pública, principalmente, na área de Casa Amarela, onde foi professora e diretora de escola. Experimentou, também, Arte-Educação e desenvolveu um trabalho muito interessante com as famílias das crianças, ou seja, tinha uma boa relação com adultos, mesmo não sistematizada.

Como Paulo Freire diz, muito deve a Elza, reconhecendo o trabalho dela, com quem construiu a *Pedagogia do Oprimido* como reflexão e ação educativas. Juntos, e com uma equipe de colaboradoras/es. Paulo Freire não trabalhou sozinho, juntos criaram as condições para conceber, experimentar, efetivar os processos de alfabetização de adultos. Então, ela participou de todas essas atividades de alfabetização de adultos no Recife, no Estado de Pernambuco, no Nordeste e na África. Em Angicos, trabalhou mais no processo de planejamento, na metodologia, porque não poderia viajar em função do próprio trabalho – a escola. Então, Elza Freire foi, de fato, uma pessoa que teceu, com Paulo Freire, os processos de alfabetização. Foi uma excelente alfabetizadora de crianças e essa experiência serviu para o exercício com adultos, não como processo de transferência, mas porque ela tinha uma boa formação e prática de alfabetizadora. Era ela uma boa selecionadora de palavras para a alfabetização e essa experiência favoreceu no processo de seleção das palavras geradoras.

Então, desde o começo, além de ser aquela pessoa cuja prática serviu para Paulo Freire como objeto de reflexão, ambos desenvolveram uma capacidade de escuta atenta, ou seja, o diálogo se estabelecia entre eles não só na família, mas como profissionais da área, que partilhavam as suas experiências nos espaços diferentes e nos espaços comuns.

A Professora Elza esteve com Paulo Freire nos círculos de cultura e na escuta da experiência do SESI. Portanto, ela era uma presença afetiva e efetiva, permanente, no tempo fundante, no tempo de Recife, mas não só no tempo de Recife, porque o acompanhou Paulo Freire no mundo, especificamente, na experiência africana. Então, ela é, de fato, uma companheira que o fechamento político não impediu que andarihasse com Paulo Freire por todo esse mundo. Ela foi tão andarilha quanto ele, tão defensora da liberdade quanto ele, e tão tecelã da liberdade quanto ele. Então, ela foi e ela é uma presença forte, firme, amorosa e profissional. Elza Freire tinha uma formação sólida, por isso pôde partilhar com ele e ele partilhar com ela o processo de construção da *Pedagogia do Oprimido*.

ENTREVISTADORES: Professora, gostaríamos de saber como surgiu a expressão *geografia da saudade*, que vai dizer um tanto, vai revelar a relação de Paulo Freire com as suas raízes, com seu pertencimento ao Recife?

Eliete Santiago: Paulo Freire é, ao mesmo tempo, recifense e cidadão do mundo; globalidade e localidade encarnadas. Recife é o seu berço de nascimento e de suas ideias e práticas. Paulo Freire viveu Recife e em Recife intensamente. Paulo Freire nunca

se apartou do Recife, nunca tirou Recife do coração. Recife caminhou com Paulo Freire o tempo inteiro, por isso, não é difícil afirmar que ele é cidadão do mundo, mas sem nunca deixar de ser recifense.

Os cheiros, as cores, os sabores do Recife estavam impregnados em Paulo Freire. Então, Recife, que carregou tantas coisas boas, também carregou muitas coisas tristes. A saída de Recife para continuar vivendo, continuar vivo, foi um imperativo que, talvez, se não fosse a força da sua mulher, dos amigos, entre muito deles, Paulo Rosas, possivelmente, Paulo Freire não tivesse saído, mas foi imperativo. Então, Recife são memórias, lembranças, histórias, mas Recife não é só uma geografia da memória chegando a Recife; a geografia da memória também são longas conversas, e Paulo Freire conversava longamente, sempre que tivesse a chance de falar do Recife. Por isso, nos livros dialogados, a gente vai encontrá-lo falando do Recife, como também em *Cartas a Cristina*, *À Sombra desta mangueira* e em *A importância do Ato de Ler*.

Vamos encontrar Paulo Freire falando do Recife em vários textos, porque Recife estava nele. Eram pessoas e lugares; cheiros, cores e sabores. A *geografia da saudade* não são apenas os lugares, são, também, as pessoas. É o marco-zero do Recife, a Estrada do Encanamento, a Praça de Casa Forte, a Ponte Uchoa, a parada de ônibus da Ponte Uchoa, que fica na Ruy Barbosa, a passagem Recife-Olinda, a Várzea. Mas também era Paulo Rosas e Argentina. Então, sempre que Paulo Freire vinha a Recife havia um convite: “vamos fazer a *geografia da saudade*”. Era um convite à visita a pessoas, era um convite ao passeio de carro, a rever pontos do Recife, mas era um convite, também, às conversas. Então, era a forma incorporada da pernambucanidade de Paulo Freire. Era comer o camarão, o lagostim. Era saborear presenças e gastronomia.

A *geografia da saudade* era tudo isso, era a faculdade de Direito, a Escola de Belas Artes, o Sítio da Trindade, o Morro da Saúde, em Jaboatão. São esses espaços, mas a *geografia da saudade* inclui o camarão. Paulo Freire adorava chegar e ir comer camarão, a pamonha... Era encontrar João Francisco de Souza, Inês Fornari e saborear, juntos, as conversas. Então, a *geografia da saudade* inclui isso. Eu diria que inclui pessoas, instituições, lugares, espaços, mas inclui o encontro com pessoas na relação com sabores, cheiros e cores.

ENTREVISTADORES: Ainda dentro do contexto do Recife, gostaríamos que você nos contasse sobre a atuação de Paulo Freire no Serviço da Extensão Universitária, na antiga Universidade do Recife. Nós sabemos que Paulo Freire ofereceu uma grande contribuição à política de extensão universitária, não apenas no âmbito institucional, mas também em termos político-pedagógicos. Então, gostaríamos que você nos dissesse que memórias, que forças constituem essa presença de Freire na extensão da UFPE e que permitem anunciar bases para a construção de uma universidade pública popular?

Eliete Santiago: O Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC/UR) compõe o contexto-tempo de Paulo Freire no Recife, seu *tempo fundante*. Refiro-me ao tempo de trabalho no Serviço Social da Indústria (SESI); no Movimento de Cultura Popular (MCP) e no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, hoje

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), entre outros espaços de atuação profissional.

O SEC/UR foi criado em 1962, numa atmosfera político-pedagógica tensa e intensa, em um contexto de reivindicações estudantis e de setores progressistas da Universidade. Contou com o apoio do Reitor, à época o Professor João Alfredo da Costa Lima, entusiasta da constituição de um espaço cultural na universidade e com a experiência que Paulo Freire vinha desenvolvendo no Movimento de Cultura Popular. Ele nasce com o objetivo de desenvolver atividades no âmbito da cultura e da realidade brasileira, fomentar a educação e a cultura popular e promover políticas de extensão universitária, como mostra Dimas Brasileiro (2012) em seus estudos.

O SEC representou um dos pilares na direção da democratização da universidade. Paulo Freire arquitetou o SEC com autonomia para compor equipes e formular suas ações. Isso possibilitou compor uma equipe com formação e experiências diversas e, ao mesmo tempo, favoreceu com que grupos engajados no trabalho do MCP, por exemplo, acompanhassem Paulo Freire no Serviço de Extensão Cultural. A equipe tinha uma composição diversa em formação e atuação, mas convergente nos propósitos. Portanto, o SEC foi composto por docentes, discentes, técnicos, poetas, artistas, além de pessoas de religião ou não; pessoas do quadro da universidade ou externas a ela.

Apesar de sua estrutura formal, o SEC abrigava a diversidade e garantia uma prática dinâmica e coletiva que animou sua vida curta. A sua estrutura contava com um Conselho Orientador e uma Secretária, além dos Setores que constituíam a natureza do Serviço de Extensão e Cultura: Setor de Educação de Base, Setor de Educação em Nível Médio, Setor de Educação em Nível Superior; Setor de Documentação, Setor de Cinema e Teatro, Setor de Rádio e Televisão. Uma estrutura orgânica e uma dinâmica de ação coletiva.

Nascem com o SEC, no mesmo ano, a Rádio Universidade (hoje, Rádio Paulo Freire) e a Revista Estudos Universitários. Destaco, aqui, o número 4, do ano de 1963, da Revista Estudos Universitários, onde se encontra um primeiro esforço intelectual coletivo de sistematização teórica do pensamento de Paulo Freire em ensaios do próprio educador e colaboradoras/es: Aurenice Cardoso, Jomard Muniz de Brito, Jarbas Maciel, Pierre Furter. Hoje, a Rádio e a Revista homenageiam Paulo Freire neste Centenário, ao longo do ano. Assim, o SEC/UR ganhou vida com as atividades da Rádio Universidade, Revista de Cultura Estudos Universitários e o Setor de Educação. Este, através do Programa de Universidade Popular, ofereceu cursos para o público externo; a Universidade desenvolveu pesquisas e as ações vinculadas ao Sistema Paulo Freire em Educação, em curso desde as experiências anteriores.

Afasta-se, assim, de uma preocupação presente que era a oferta de cursos avulsos e isolados. Avança a preocupação com a cultura, o compromisso com a cultura popular, com as temáticas sociais e a criação de equipamentos sociais e de comunicação. Essas são características de um outro contorno para a universidade, não sendo possível, no âmbito desta entrevista, tratar das ações específicas desses setores. Esse é um tema tão importante que a Cátedra Paulo Freire/UFPE promoverá um curso sobre ele, tendo na coordenação os professores José Batista Neto e Dimas Brasileiro. Mas, é possível mostrar o esforço para a vivência/construção de uma universidade

diversa, que ultrapassasse seus muros e se aproximasse da população não universitária; uma universidade que não se restringisse ao seu saber como único, validado.

Angicos é um testemunho da ação do SEC. A experiência de Angicos resultou de um convênio firmado entre a Universidade do Recife e o Governo do Rio Grande do Norte. Vejo nessa experiência expansão, ampliação e difusão do que vinha sendo experimentado em Recife, a partir do SEC/UR, e de experiências anteriores: os processos de alfabetização, os círculos de cultura, a pesquisa e a formação permanente.

Portanto, é possível afirmar, com Dimas Brasileiro, que o SEC foi a primeira experiência sistematizada da extensão no Brasil e a base das pró-reitorias de extensão. Diria que o SEC é um *contexto-tempo síntese* do pensar-fazer freireano. Nele, podemos conferir que o conhecimento é cumulativo, dinâmico; amplia-se e aprofunda-se na relação com o outro. Nele, o pensamento e ação de Paulo Freire mostram-se como um *continuum*. No SEC/UR, agregaram-se pessoas, conhecimentos e sonhos. Um sonho de universidade pública, democrática, popular.

ENTREVISTADORES: Professora Eliete, recuperamos uma fala sua em que a senhora colocou que a educação defendida por Paulo Freire é fundamentada na ética universal, na justiça social e curricular. Então, nós gostaríamos de saber qual a sua compreensão sobre o conceito de justiça curricular à luz de Paulo Freire e como ele ganha a vida na educação pública?

Eliete Santiago: O pensamento de Paulo Freire tem como horizonte a valorização da pessoa humana, a ética, a humanização do humano e da humanidade; essa é a utopia freireana: a utopia da libertação. A busca do pensamento freireano é pelo *ser mais*, indicando que nós, mulheres e homens, somos sujeitos da história, sujeitos do conhecimento, somos sujeitos de fala, da escuta, dos gestos; sujeitos plurais, diversos. Por isso, somos capazes de criar e recriar, de fazer e refazer, somos plurais. Plurais, também, são os nossos contextos, nossas histórias, nossas relações culturais.

Então, uma educação na perspectiva da justiça curricular, a partir dos referenciais de Paulo Freire, antes de mais nada, toma docentes e discentes como sujeitos – sujeitos pensantes, sujeitos diversos, sujeitos de direitos – e a educação como uma prática político-pedagógica com finalidade emancipatória. Assim pensando, o projeto educativo leva em consideração a politicidade da educação, a diversidade social e as diferentes culturas e saberes das pessoas envolvidas nas ações educativas.

Nesse sentido, teremos que mobilizar as condições e os materiais que atendam às escutas e às diferentes culturas que compõem a sociedade diversa. Isso, a meu ver, está presente em Paulo Freire, sem que ele tenha escrito, explicitamente, sobre justiça curricular, mas escrito e falado de uma educação problematizadora, de conhecimento crítico, respeito às pessoas, seus saberes, contextos, e processos relacionais. Então a justiça curricular leva em consideração o ritmo, as diferenças e as possibilidades de cada um e de cada uma, sem sonegar, mas partir das diferenças para chegar a uma possibilidade de igualdade.



ENTREVISTADORES: Com certeza, Professora, esses são elementos que vão contribuir com a constituição do sonho de uma educação política, ética e humanizadora. Mas, considerando que vivemos tempos de ameaças aos direitos historicamente assegurados na Constituição brasileira, que passos dar em direção a esse *inédito viável* freireano, nesse contexto tão adverso?

Eliete Santiago: Paulo Freire começou o processo de alfabetização a partir da preocupação com a inexperiência democrática aliada às poucas possibilidades de informação das pessoas, ou seja, a inexperiência democrática estava aliada, também, à sonegação da informação, à sonegação do conhecimento, à negação de direitos; estava presente nas possibilidades do aliciamento por falta de conhecimento. Ele caminhou no sentido de promover, contribuir para uma alfabetização que permitisse às mulheres e aos homens acessar o conhecimento crítico através dos processos de alfabetização, isto é, lerem a realidade para si e para os outros. Um conhecimento que possibilitasse, ao mesmo tempo, ler e dizer a sua palavra. Não é por acaso que ele diz, em vários dos seus textos, que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra.

Paulo Freire considerava que as pessoas tinham conhecimento, embora ainda não lessem palavras; que eram sujeitos de conhecimento, embora silenciados, ignorados, não valorizados. Paulo Freire valorizou esse *conhecimento da experiência feito*. Tomou como conteúdo, como objeto da problematização, vendo a possibilidade de desopacizar a realidade, de tirar a venda, de aguçar, enxergar adiante. Então, parece importantíssimo fazer leituras de mundo, mapear obstáculos, mapear com quem possamos caminhar, mas isso vem com o processo de acesso ao conhecimento; com informação e formação. E como dizia antes, não é qualquer conhecimento, mas o conhecimento crítico: aquele que parte da realidade dos sujeitos como leitura, discussão e compreensão e a ela volta como explicação e possibilidade de intervenção social.

Quero, aqui, ressaltar a importância de pensar, sonhar, imaginar o possível que ainda não se pôde realizar; o viável que não aconteceu ainda, mas poderá acontecer. Não foi possível até agora, mas poderá vir a ser. Isso significa fazer leituras do ontem-hoje-amanhã, leituras de possibilidades; e leituras de possibilidades com escuta, informação, problematização. Nesse sentido, acho que caminhar na perspectiva do inédito viável é colocar nossa atenção, nossos sentidos, nossos ouvidos, nossa escuta respeitosa, nossos movimentos e gestos como possibilidades de leituras e compreensões.

Uma escuta respeitosa é aquela que a gente escuta não por obrigação, mas uma escuta amorosa, escuta como compromisso e como responsabilidade política, social e pedagógica. Assim, escutar atentamente, solidariamente, comprometidamente, estudantes, professoras/es, famílias, pessoas individuais e em coletivos, para mapear as dificuldades e os obstáculos que a gente possa intervir sobre eles, se não agora, mas possamos entender o porquê não agora. Se não é a hora de dar o passo adiante, ainda não é possível, mas vai ser possível. Então, alimentar essa esperança, contribuir com informações, parece ser um passo para caminhar adiante, ultrapassar o negacionismo, positivar a vida, tentar buscar o que há de positivo. Isso pode nos ajudar a caminhar em direção ao *inédito viável*. Não obstáculo pelo obstáculo, mas obstáculo como possibilidade. Fazer leituras que eu chamo de leituras pelo avesso.

ENTREVISTADORES: Professora Eliete, aproveitando esse momento em que estamos falando de anúncios, de possibilidades, de prolongamentos e de recriações do pensamento de Paulo Freire, gostaríamos que a senhora falasse acerca do papel da Cátedra Paulo Freire da Universidade Federal de Pernambuco, que a senhora coordena, e, de uma forma mais ampla, sobre o papel de uma cátedra.

Eliete Santiago: Se nós estivéssemos mais próximos, vocês iriam ver que os meus olhos começaram a brilhar muito mais. A Cátedra é uma invenção, uma criação, uma resistência, um projeto político-pedagógico de formação permanente. Um encontro de gentes que gostam e se preocupam com gente. Um trabalho com gente – professoras, professores, estudantes, sindicalistas, pesquisadoras/pesquisadores de áreas diversas, poetas. Gente que estuda e que toma Paulo Freire como referencial; gente que ainda não estuda e busca conhecer Paulo Freire.

Quando olhamos para a Cátedra Paulo Freire da e na UFPE, pensamos na experiência do MCP como uma referência; pensamos também no que foi o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife como possibilidade; pensamos no sonho de Paulo Freire de ver essa universidade abrir as portas para o mundo, para aquelas e aqueles que ainda não fazem parte dela; pensamos em, permanentemente, ensaiarmos outro modo de fazer extensão, estudos e pesquisa.

Então, a Cátedra foi pensada e criada para vir a ser um espaço de vivência político-pedagógica, de memória e de trabalho. A sua criação foi proposta nas homenagens do sétimo dia da passagem de Paulo Freire. Um desejo anunciado pelo professor João Francisco de Souza, nosso companheiro de luta, de trabalho, de amizade. No mesmo momento, também foi proposta, por Argentina e Paulo Rosas, a criação de uma instituição no Estado de Pernambuco para homenagear Paulo Freire que, depois de estudos e discussões, veio a ser o Centro Paulo Freire – estudos e pesquisas.

A Cátedra Paulo Freire da UFPE foi criada em 2005, através da Resolução 04/2005 do Conselho Universitário da Universidade Federal de Pernambuco, após tramitar pelas instâncias da Universidade e receber aprovação das/dos conselheiras/os, por unanimidade. Nasce como homenagem ao professor Paulo Freire, traduzindo o reconhecimento da comunidade acadêmica da UFPE à relevante contribuição social, política e pedagógica do Educador Paulo Freire para a Humanidade, a partir da Educação e, ao mesmo tempo, uma homenagem a um professor da Universidade, reconhecido internacionalmente e considerado educador do mundo.]

Entendíamos que a Universidade Federal de Pernambuco tinha uma dívida com o Professor Paulo Freire, como tem o Brasil. Não sei se um dia vamos conseguir ficar quites com ele. Queríamos que a Cátedra fosse, também, preservação da memória e um lugar de trabalho; um espaço de produção e socialização do conhecimento. Queríamos que a Cátedra fosse capaz de contribuir para um *locus* freireano na Universidade. Foram essas indicações que mobilizaram e mobilizam um coletivo e o trabalho coletivo na Cátedra.

A ideia trazia o compromisso de estudar Paulo Freire, por entendermos que uma Cátedra, Grupo, Núcleo que receba o seu nome tem que se pautar nos estudos freireanos; estudar o Patrono da Educação Brasileira. A Cátedra Paulo Freire da PUC-SP é

SANTIAGO, M. E.; SAMPAIO, M.; RAMOS, B. S. da S.; SAUL, A.

uma referência para nós da UFPE. Foi a primeira Cátedra Paulo Freire criada no Brasil, acompanhamos sua criação e seus primeiros passos; dela, participamos desde o início. A Cátedra da PUC-SP é uma referência para o Brasil e com ela fomos caminhando com a Cátedra da UFPE, pouco a pouco.

Hoje, a nossa Cátedra é reconhecida e consolidada. Tem seu trabalho reconhecido nacionalmente. Já recebeu estudantes e docentes do México, da Argentina, da Colômbia para conhecer a Cátedra e participar de atividades. Há uma curiosidade explicitada sobre o que a Cátedra faz, realiza na terra do Paulo Freire. Hoje, a Cátedra faz extensão, essa é a sua natureza. Mas também trabalha com ensino e desenvolve pesquisa. Fazemos parte da Rede Freireana de Pesquisadores, coordenada pela Professora Ana Maria Saul, coordenadora da Cátedra Paulo Freire da PUC-SP.

Em 2013 foi criada a disciplina *Pedagogia Paulo Freire*, vinculada ao Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional do Centro de Educação. A Cátedra concluiu em 2020 uma pesquisa ampla sobre a Pedagogia do Oprimido, envolvendo estudantes de graduação, de pós-graduação *strictu sensu* e docentes em estágio pós-doutoral. Atualmente, fazemos um ensaio apaixonante, a ação de extensão *Aulas Abertas na Cátedra Paulo Freire da UFPE*. Trata-se de uma atividade extensionista que ocorre por dentro da atividade de ensino. Utilizamos-nos da estrutura da disciplina *Pedagogia Paulo Freire*, ofertada de modo remoto e, uma vez a cada mês, ela é transmitida para o grande público. É uma aula pública, temática, construída em formato de Seminário. A Cátedra, portanto, é um espaço de resistência; formação, de acesso e produção do conhecimento.

Ressalto duas atividades anuais, de abrangência nacional: o Seminário Paulo Freire, realizado no início de maio, junto com o Encontro de Cátedras, Núcleos e Grupos de estudos Paulo Freire, na décima e oitava edição, respectivamente. Essas duas atividades têm mostrado que a Cátedra cumpre a missão para a qual foi criada: homenagear, preservar a memória, produzir e divulgar o pensamento freireano e ser um espaço de produção e socialização do conhecimento. Sou satisfeita em participar desse coletivo atravessado por afeto e compromisso social, político, pedagógico que se chama Cátedra Paulo Freire da UFPE.

ENTREVISTADORES: Gostaríamos de fazer uma última pergunta, uma vez que o nosso dossiê é uma edição especial da Revista Inter Ação, que celebra os 100 anos de Paulo Freire: o que a senhora gostaria de dizer a respeito do Centenário de Paulo Freire, para além da questão cronológica, etária, da celebração em si, nesse momento histórico em que vivemos?

Eliete Santiago: Esse centenário é muito diverso, as comemorações variam conforme os contextos e os sujeitos individuais e coletivos. Mas, representa sempre reconhecimento ao cidadão educador, à Pedagogia Paulo Freire, à contribuição planetária através da Educação. Para uns, é a consolidação e a inspiração de um projeto político de sociedade justa, que os referenciais de Paulo Freire oferecem. Para outros, pode se configurar como um mercado, pois é possível negociar a grife, buscar brilho, Paulo Freire oferece várias possibilidades. Paulo Freire é brilho, mas é brilho como trabalho, como compromisso, como uma vida que foi dedicada à libertação e à emancipação dos povos.

SANTIAGO, M. E.; SAMPAIO, M.; RAMOS, B. S. da S.; SAUL, A.

Paulo Freire trabalhou até os seus últimos dias de vida. Deixou uma agenda e trabalhos para dar continuidade. E deixou trabalho inconcluso. Daí, ter obra póstuma. Então, Paulo Freire é uma referência para alguns, guarda-chuva para outros que podem pegar uma carona. Somos um grande coletivo constituído por diversos grupos, entidades e instituições que veem nesse Centenário uma celebração, o reconhecimento de um legado e uma homenagem. Mas vemos, também, uma oportunidade de testemunhar que é possível criar uma outra sociedade, viver um mundo melhor. Viver numa sociedade justa, em que homens e mulheres, independente do seu credo, da sua cor, da sua idade, da sua experiência sexual, possam ser felizes, possam ter direitos, serem sujeitos de direitos.

Para mim, o Centenário é isso, é resistência política, social e um convite a continuarmos sonhando o sonho de Paulo Freire: uma sociedade justa, a humanização da pessoa humana e uma educação pública, popular, plural e democrática.

Entrevista recebida em: 10/08/2021

Aprovado para publicação em: 20/08/2021

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VERAS, Dimas Brasileiro. **Sociabilidades letradas no Recife**: a Revista Estudos Universitários (1962-1964). Recife-PE: Editora Universitária UFPE, 2012.

---

MARIA ELIETE SANTIAGO: Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional, Programa de Pós-Graduação em Educação, Coordenadora da Cátedra Paulo Freire da UFPE. Recife, Pernambuco, Brasil.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4088-8190>  
E-mail: [maria.santiago@ufpe.br](mailto:maria.santiago@ufpe.br)

---

MARGARETE SAMPAIO: Professora Adjunta do Curso de Pedagogia do Centro de Educação (CED) e do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pós-doutorado em Educação: Currículo da PUC/SP. Coordena o Grupo de Estudo Pedagogia de Paulo Freire (GEPAF). Membro da Cátedra Paulo Freire da UFPE. Autora do livro *Prática pedagógica docente-discente e humanização: traços da pedagogia de Paulo Freire na sala de aula*. Co-autora do livro *Didática e docência: aprendendo a profissão*.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0704-0131>  
E-mail: [margarete.sampaio@uece.br](mailto:margarete.sampaio@uece.br)

---

BRUNA SOLA DA SILVA RAMOS: Professora Associada do Departamento de Ciências da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, sob a supervisão de Maria Eliete Santiago. Coordenadora da Cátedra Paulo Freire da UFSJ e líder do Grupo de Estudos Críticos do Discurso Pedagógico (UFSJ/CNPq).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9478-9393>  
E-mail: [brunasola@ufsj.edu.br](mailto:brunasola@ufsj.edu.br)

---

ALEXANDRE SAUL: Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (Mestrado/Doutorado) e Coordenador da Cátedra Paulo Freire da Universidade Católica de Santos (UCS). Doutor em Educação: Currículo pela PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisa Currículo e Formação de Professores: diálogo, conhecimento e justiça social (UCS/CNPq).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0021-8934>  
E-mail: [asaul@unisantos.br](mailto:asaul@unisantos.br)

---

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).